

ALFABETIZAÇÃO TARDIA: CAMINHOS POSSÍVEIS



<https://doi.org/10.22533/at.ed.6611125260213>

Data de aceite: 18/03/2025

Morgana Nericke

Acadêmica de Letras, Universidade
Feevale.

Rosemari Lorenz Martins

Doutora em Letras (PUC/RS). Bolsista
Produtividade em Pesquisa 2 –
CNPq. Professora e pesquisadora da
Universidade Feevale.

RESUMO: Este trabalho tem como tema a alfabetização tardia. Para debater esse tema, questiona-se: como alfabetizar o estudante que chegou ao sexto ano e não sabe ler e escrever? Será que é possível utilizar os mesmos métodos de alfabetização usados nos anos iniciais? Será que todas as crianças aprendem da mesma forma? Qual a melhor forma de alfabetizar? Para responder essas questões, estabeleceu-se como objetivo geral investigar possibilidades de alfabetização tardia e, como objetivos específicos, (i) analisar diferentes metodologias de alfabetização e (ii) identificar desafios da alfabetização de adolescentes. A pesquisa desenvolvida caracteriza-se, quanto à abordagem do problema, como qualitativa, quanto aos objetivos, como exploratória e, no que

diz respeito aos procedimentos técnicos, como bibliográfica. O estudo bibliográfico realizado traz indícios de que o professor não pode ignorar que seu estudante não está alfabetizado. Mas, para alfabetizá-lo, não pode usar os mesmos métodos usados com crianças, porque as experiências de leitura e as vivências do estudante precisam ser consideradas. Sendo assim, o método de alfabetização que parece mais adequado é o proposto por Paulo Freire conjugado com o método analítico conto.

PALAVRAS-CHAVE: Métodos de alfabetização; alfabetização de adolescentes; desafios da alfabetização.

LATE LITERACY: POSSIBLE PATHS

ABSTRACT: This work's theme is late literacy. To debate this topic, the question is: how to teach literacy to students who have reached sixth grade and do not know how to read and write? Is it possible to use the same literacy methods used in the early years? Do all children learn the same way? What is the best way to teach literacy? To answer these questions, the general objective was to investigate possibilities for late literacy and, as specific objectives, (i) to analyze different literacy methodologies

and (ii) to identify challenges in adolescent literacy. The research developed is characterized, in terms of approach to the problem, as qualitative, in terms of objectives, as exploratory and, with regard to technical procedures, as bibliographic. The bibliographic study carried out provides evidence that the teacher cannot ignore that his student is not literate. But, to teach literacy, you cannot use the same methods used with children, because the student's reading experiences and experiences need to be considered. Therefore, the literacy method that seems most appropriate is the one proposed by Paulo Freire combined with the short story analytical method.

KEYWORDS - Literacy methods; adolescent literacy; literacy challenges.

1 | INTRODUÇÃO

A alfabetização deveria, segundo a BNCC, ser concretizada até o terceiro ano do Ensino Fundamental, mas nem sempre isso ocorre. Muitos estudantes, por diferentes motivos, não conseguem concluir o ciclo de alfabetização na idade certa. Alguns chegam, inclusive, à vida adulta sem conseguir ler ou escrever ou leem e escrevem de forma precária. Segundo dados de 2023, do IBGE, existem 9,3 milhões de brasileiros que ainda não estão alfabetizados, a maioria com idade acima dos 40 anos. São muitas pessoas que não compreendem o sistema de escrita alfabética, em um mundo letrado, onde há diversas necessidades de compreender a leitura, a escrita e seus significados.

A alfabetização é fundamental. Ela proporciona acesso à informação, promove a autonomia além de elevar a autoestima. Ela ajuda, por exemplo, a nos locomover, a participar ativamente da sociedade, a desenvolver o pensamento crítico, o raciocínio lógico e conseguir melhores oportunidades de estudo e trabalho. Contudo, diversas lacunas sociais, como a vulnerabilidade social, a falta de comprometimento, a não percepção do estudo como algo significativo, a necessidade de trabalho infantil para complementar a renda em casa e dificuldades de locomoção, porque alguns discentes moram longe da escola e o transporte público é caro, por exemplo, precarizam o aprendizado de muitos estudantes.

Não bastasse isso, muitos estudantes sofreram com a pandemia de Covid 19, quando as aulas presenciais tiveram de ser suspensas e o ensino passou a ser remoto. O ensino remoto não atingiu todos os estudantes, porque muitos, especialmente os de escolas públicas, não tinham acesso a computadores ou à internet. Por causa disso, muitos ficaram fora da escola e perderam conteúdos, os quais não puderam ser recuperados por completo quando retornaram. Esses estudantes estão agora no quinto ou sexto ano e possuem lacunas sérias na alfabetização. Para dificultar ainda mais o processo de ensinoaprendizagem, em 2024, o estado do Rio Grande do Sul passou por uma enchente sem precedentes, que novamente fechou as escolas. E, dessa forma, mais conteúdos foram ficando para trás e o processo de alfabetização dos alunos com dificuldades foi mais uma vez relegado.

A questão é que isso não pode ser esquecido, esses alunos não podem apenas ser promovidos sem saber ler e escrever, porque, assim, serão fortes candidatos à evasão escolar. E, se não concluírem o ensino básico, terão muitas dificuldades em sua vida adulta. Todavia, eles perderam o tempo de alfabetização. No quinto e sexto anos, os professores não alfabetizam mais, há outros conteúdos no currículo.

É nesse contexto que surge esta pesquisa, que tem como tema a alfabetização tardia. Para debater esse tema, questiona-se: como alfabetizar o estudante que chegou ao sexto ano e não sabe ler e escrever? Será que é possível utilizar os mesmos métodos de alfabetização usados nos anos iniciais? Será que todas as crianças aprendem da mesma forma? Qual a melhor forma de alfabetizar?

Para responder essas questões, estabeleceu-se como objetivo geral investigar possibilidades de alfabetização tardia e, como objetivos específicos, (i) analisar diferentes metodologias de alfabetização e (ii) identificar desafios da alfabetização de adolescentes.

A pesquisa desenvolvida caracteriza-se, quanto à abordagem do problema, como qualitativa e, quanto aos objetivos, como exploratória (Prodanov; Freitas, 2013), considerando-se que não será realizado um estudo quantitativo, com coleta de dados, mas apenas um estudo bibliográfico para estabelecer hipóteses sobre o tema para pesquisas futuras. Já no que diz respeito aos procedimentos técnicos, a investigação é bibliográfica, porque, para responder às questões propostas e aos objetivos, buscou-se informações em trabalhos já realizados sobre métodos de alfabetização e sobre desafios para a alfabetização de adolescentes.

Para apresentar os resultados da pesquisa, em um primeiro momento, faz-se uma revisão sobre métodos de alfabetização e, na sequência, sobre desafios e possibilidades de alfabetização de adolescentes. Para finalizar, são trazidas algumas sugestões para utilizar abordagens mais efetivas nos processos de alfabetização de estudantes matriculados nos anos finais do Ensino Fundamental que ainda não sabem ler e escrever.

2 | MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO

A alfabetização, como instrumento de aprendizagem, habilita o aprendiz a criar e a interagir com sua cultura e com as informações. Uma teoria de alfabetização coerente, conforme Soares (2017, p. 19),

deverá basear-se em um conceito desse processo suficientemente abrangente para incluir a abordagem 'mecânica' do ler /escrever, o enfoque da língua escrita como um meio de expressão/compreensão, com especificidade e autonomia em relação à língua oral, e, ainda, os determinantes sociais das funções e fins da aprendizagem da língua escrita.

Como dar conta disso vem sendo discutido há muito tempo, desde a criação dos processos escolares, em função da necessidade de criar meios para que o professor

possa ensinar diversos indivíduos simultaneamente em um mesmo local (Frade, 2007). Até o século XIX, o método mais utilizado foi a soletração. Nesse método, o educador inicia ensinando a usar o alfabeto e, depois, passa a ensinar a formar sílabas, para só então formar palavras e frases. Esse método apoia-se em uma prática focada na grafia, entretanto, não promove relações entre oralidade e escrita, observando que as letras representam os sons da fala.

A partir disso, surgiram, no século XX, os métodos sintético, fônico e silábico, segundo os quais a alfabetização parte dos sons das letras e das sílabas, enquanto os métodos analíticos sugerem uma alfabetização partindo de unidades maiores para menores, pensado em uma aprendizagem significativa e compreensiva dentro da realidade da criança. Embora tenham características diferentes, tanto os métodos sintéticos quanto os analíticos, “consideram a criança como um aprendiz passivo que recebe o conhecimento que lhe é transmitido por meio do método e de material escrito” (Soares, 2016, p.18).

Quando se fala em métodos de alfabetização, duas correntes são importantes: a condutivista e a construtivista. Na teoria condutivista, o processo de alfabetização tem como centro o professor, que estrutura o processo da leitura e escrita em uma perspectiva de assimilação mecânica, sem pensar no processo semântico de decodificação e codificação dos signos. Para essa corrente, a criança estaria preparada para iniciar a alfabetização a partir dos 6 ou 7 anos de idade. Para o construtivismo, a aprendizagem é um processo contínuo e as experiências das crianças entre os 3 os 6 anos fazem parte do processo de alfabetização. No entendimento do construtivismo, leitura e escrita se desenvolvem juntas e a alfabetização tem início em contextos culturais e sociais, levando em conta conhecimento veiculados em materiais escritos ou transmitidos socialmente. Sendo assim, o professor, que é um mediador, valoriza as vivências do estudante, despertando a curiosidade dele, trazendo de forma significativa o sistema de escrita alfabética e valorizando os contextos culturais e sociais.

A teoria condutivista compreende que os métodos de alfabetização podem ser sintéticos ou analíticos. Os sintéticos são considerados os mais antigos. Os métodos desse tipo têm como prioridade a correspondência fonema /grafema. Eles partem do mais simples ao mais complexo de forma linear. Conforme os adeptos desses métodos, a criança só é capaz de aprender um novo elemento depois que aprendeu um anterior. Isso significa que primeiro se aprende a codificar e decodificar para depois aprender a compreensão da leitura e da escrita (Frade, 2007).

Nos métodos sintéticos, o sujeito compreende o sistema de escrita a partir da junção das unidades menores e têm como foco a ligação entre a fala e a representação escrita. Neste método, o estudante decodifica ou decifra quais os grafemas (letras) representam as palavras. Os métodos sintéticos pressupõem que o entendimento da escrita se dá juntando unidades menores, as quais devem ser analisadas, fazendo-se uma análise fonológica,

para a estabelecer a relação entre fala e escrita (Frade, 2007). Eles podem ser de três tipos: método alfabético, método fônico e método silábico.

De acordo com o método alfabético, as crianças passam em um primeiro momento, contato com as letras do alfabeto, descobrem que precisam juntar V+C para formar uma sílaba e/ou partes para que só então tenham uma palavra concreta. Para isso, os estudantes decoram o alfabeto, soletram as sílabas, vogal + consoante, como em BA-BE-BI-BO-BU. Compreende-se que essas unidades menores formam parte das palavras. Entretanto, essas atividades não fazem sentido aos estudantes, ocasionando dificuldades de compreensão (Frade, 2007).

No método fônico, para que as crianças compreendam a estrutura grafema/ fonema, inicia-se a alfabetização pelos sons das vogais. Após isso, o professor vai ensinando as consoantes relacionando-as com as vogais, formando sílabas e palavras. Um dos benefícios dessa metodologia é que a representação gráfica do fonema que realmente tem relação com a letra auxilia o estudante na decodificação e codificação. Entretanto, há palavras em que, em português, não existe correspondência entre grafemas e fonemas, como, por exemplo, a palavra MUITO [ˈmũjtu] [muinto], na qual se produz um o fonema /n/ que não existe na grafia da palavra (Frade, 2007).

No método silábico, a unidade principal é a sílaba, assim para compreender uma sílaba, é necessário conhecer as vogais e os encontros vocálicos. Esse método, da mesma forma como os outros métodos sintéticos, propõe partir do mais fácil para o mais difícil. O professor que usa esse método, focará no ensino de separação de sílabas e estudará com seus alunos famílias silábicas e recomposição de sílabas para formar palavras. O problema consiste no fato de que os estudantes poderão formar palavras ou escrever pequenos textos apenas com as sílabas já estudadas (Frade, 2007).

Em resumo, os métodos sintéticos têm como centro a decodificação e dão pouca importância ao sentido dos textos e ao uso social da escrita. Paulo Freire propôs uma variação desses métodos, partindo de uma palavra geradora, para incluir o sentido no processo. Desse modo, ele misturou métodos sintéticos e analíticos. Freire desenvolveu esse método após perceber que o método tradicional ensinava pela repetição e que as cartilhas, que eram utilizadas, não faziam sentido ao estudante. Segundo o educador, “não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho” (Freire, 2006, p. 56).

Paulo Freire percebeu que algumas classes sociais não participavam do sistema educacional e, por causa disso, sentiu a necessidade de inovar com o objetivo de oportunizar o estudo a todos. Ele entendeu que eram necessárias 5 fases. Primeiramente, o professor devia fazer um levantamento do vocabulário social, para compreender e utilizar a linguagem informal da sociedade, para que ocorresse empatia e para não causar nenhum constrangimento. Depois, o docente deveria organizar um vocabulário com as palavras

mais utilizadas que fizessem sentido, obedecendo três critérios: a riqueza fonética, as dificuldades fonéticas e a relação das palavras no contexto cultural, político e social (Freire, 1991).

Na terceira etapa, cabia ao professor provocar os estudantes em uma autoanálise, trazendo novas dificuldades com um grau mais elevado para gerar discussões e novos desafios. A seguir, os educandos eram orientados a elaborar fichas para auxiliá-los, como um instrumento de apoio, de acordo com a temática trabalhada em sala de aula. Por último, os estudantes deviam incluir nas fichas as famílias fonéticas, que, produzidas em diversos materiais, postas em cartazes entre outros, auxiliariam na alfabetização de forma que os indivíduos conseguissem gerar novas palavras (Freire, 1991). Essa inovação proposta por Freire auxiliou na educação de jovens e adultos, que até aquele momento eram invisíveis como cidadãos. Esse método modificou o processo mecânico na aprendizagem e trouxe protagonismo ao aprendiz.

Os métodos analíticos, por outro lado, de acordo com Frade (2007), partem de frases ou de pequenos textos para depois analisar as partes. Esses métodos se contrapõem ao princípio da decifração, na medida em que defendem um trabalho com sentido na alfabetização. Esses métodos estão preocupados com a compreensão, porque entendem que a linguagem escrita deve ser ensinada “respeitando a percepção global dos fenômenos e da própria língua” (Frade, 2007, p. 22). Para os seguidores dos métodos analíticos, os aprendizes poderão realizar um processo de análise de unidades menores a partir de um reconhecimento global (Frade, 2007).

Os educadores que utilizam os métodos analíticos acreditam que para alfabetizar necessitamos acompanhar os interesses dos estudantes durante as atividades. Por isso as palavras apresentadas devem ser vinculadas com os conhecimentos prévios dos estudantes, para que compreendam como funciona a linguagem em sua totalidade, priorizando a compreensão do leitor. Sendo assim, nesse método, excluem-se as palavras fragmentadas. Outra particularidade dos métodos analíticos é que deve-se partir da síntese para a análise, do todo para as partes. Eles parecem mais coerentes do que os métodos sintéticos, porque a linguagem funciona como um todo e, além disso, na leitura, o leitor usa estratégias globais de reconhecimento (Frade, 2007). Dessa forma, o ensino da escrita não deve ser proposto utilizando palavras fragmentadas, ele deve iniciar com o significado das palavras. E essas palavras devem, na linha de Paulo Freire, ser familiares para as crianças e ter valor afetivo.

Os métodos analíticos são três: a palavração, a sentencição e os contos. Na palavração, o discente expõe um grupo de palavras para os estudantes, para que eles as memorizem e compreendam como são compostas, por quais sílabas são compostas. Nesse método, não é necessário começar com palavras simples para depois avançar para palavras complexas. O que importa é que as palavras façam sentido. Na prática, as palavras são apresentadas aos estudantes de forma agrupada, em frases significativas e

eles devem aprender a reconhecê-las pela visualização e pela grafia até conseguirem fazer a conversão grafema/fonema. A dificuldade desse método está no fato de a criança poder ter dificuldades para aprender palavras novas (Frade, 2007).

Na sentencição, a unidade de análise é a sentença. Logo, a estudante deve reconhecer de forma global uma sentença, a qual, na sequência, é decomposta em palavras e as palavras em sílabas. Palavras então são comparadas e são isolados elementos conhecidos para ler e escrever palavras novas. No método de contos, por fim, o texto é o eixo central da alfabetização, podem-se usar histórias conhecidas pelos estudantes, para que façam sentido. Nesse método, inicia-se por partes maiores, como frases, para chegar às menores, como palavras e sílabas. A proposta não é fazer um estudo sequencial mas partir sempre do sentido (Frade, 2007).

Pode-se destacar, ainda, o método natural, de Freinet, que Heloísa Marinho implementou em 1946. Ele é baseado no método global, entretanto, foca no estudo das produções espontâneas dos textos. Nesse caso, a leitura passa a ser resultado da escrita, memorizando de forma global as palavras.

Para finalizar, traz-se Ferreiro e Teberosky, as quais acreditam que a criança desenvolve a escrita e a leitura através de imersões na língua, por meio de trocas com os colegas, no uso cotidiano em seu contexto familiar e social. Nesse caso, o professor pouco participa da aprendizagem, mas pode contribuir com textos autênticos de leitura e escrita, para que as crianças compreendam a lógica da aquisição da escrita e não dos métodos. Contudo, como não pode haver intervenção com o professor mediador, os resultados podem ser de difícil compreensão e dificultar por ser característico do sujeito (Soares, 2012).

Na teoria construtivista, o sujeito já possui acesso ao letramento antes de chegar à escola. A criança, ao reproduzir “erros” gramaticais, demonstra conhecimento sobre hipóteses da escrita, a partir, então, das vivências sobre o funcionamento da escrita, consolida sua alfabetização. Partindo disso, primeiro o educador precisa compreender o nível de escrita em que a criança está, a partir disso, a escola precisa utilizar instrumentos que valorizem o meio social onde a criança vive, representar a diversidade linguística, ensinar a leitura e escrita para o seu uso na sociedade, refletindo sobre o processo do aprendiz e seus resultados (Soares, 2012).

Revisados os principais métodos de alfabetização, na sequência, discute-se sobre os desafios da alfabetização de adolescentes.

3 | DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO DE ADOLESCENTES

A alfabetização de adolescentes é um grande desafio. Ela não pode ser conduzida da mesma forma como se atua com crianças. Isso porque adolescentes possuem características diferentes, tanto no que diz respeito a aspectos cognitivos quanto a questões socioemocionais. A adolescência é, por si só, uma fase complexa, porque é marcada por

muitas transformações físicas, emocionais e, conseqüentemente, também sociais. Nesse período, os adolescentes estão em busca de sua identidade, o que pode deixá-los com a autoestima baixa e indecisos, impactando na motivação de aprender.

Por outro lado, embora não saibam ler e escrever, que não dominem essas habilidades, os adolescentes possuem conhecimentos diferentes que as crianças, porque têm mais experiência com a leitura do mundo, porque já passaram por outras vivências no mundo letrado ou não. Por causa disso, para alfabetizá-los, é necessária uma abordagem pedagógica diferente, que leve em conta os conhecimentos já construídos.

Dentro das salas de aula, há inúmeras histórias de vida, cada adolescente ou jovem traz consigo diferentes bagagens. Não existe uma forma de ele entrar no espaço de aprendizado e esquecer completamente o que está acontecendo em sua vida, dentro de seu lar. Suas preocupações, alegrias e tristezas o acompanham no ambiente escolar. Muitos adolescentes não possuem uma organização familiar adequada, há pouco afeto ou é inexistente. Não possuem, por vezes, suas necessidades básicas atendidas, mesmo sendo um direito constituído no Estatuto da Criança e do Adolescente, que diz, no Artigo 7, que “A criança e o adolescente têm direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência” (Brasil, 1990).

A questão é que muitos estudantes passam por adversidades tão complexas em sua vida pessoal, que cabe perguntar se o espaço escolar corresponde às expectativas dos adolescentes. Em alguns casos, quando um adolescente passa por momentos difíceis e, por causa disso, não consegue corresponder ao esperado, a escola supõe que ele seja preguiçoso e não se interessa por suas dificuldades. A escola esquece de levar em conta os empecilhos que ele enfrenta, comparando-o com os outros estudantes e querendo que correspondam da mesma forma como o restante da turma. Entretanto, os caminhos são diferentes, cada estudante enfrenta diferentes dificuldades e há uma deficiência notável na escuta ativa deles. Instituições e professores se preocupam com o currículo, mas, este muitas vezes não atende a realidade dos alunos, está bem distante.

Além disso, muitas vezes, no núcleo familiar em que o adolescente está inserido, o estudo é inexistente ou quase nulo. Os responsáveis por ele não tiveram oportunidades de acesso à educação e encontram dificuldades em se organizar financeiramente. Devido à falta de melhores oportunidades no mercado de trabalho, muitos acabam aceitando e desempenhando serviços braçais com baixa remuneração.

A família que não consegue uma boa renda acaba morando em áreas urbanas afastadas, com ou sem nenhum saneamento básico, em residências de pouca estabilidade, que sofrem com eventos climáticos. A escolaridade, mesmo sendo obrigatória a partir dos quatro anos do indivíduo, fica precarizada. Esse sujeito precisa trabalhar desde cedo, entra em um concorrido mercado de trabalho e é obrigado a aceitar qualquer trabalho informal que lhe oferecem, na tentativa de auxiliar na diminuição da dificuldade financeira da família.

A escolarização, com o tempo, passa a ser negligenciada, menosprezando a importância da aprendizagem. Nesse momento, iniciam-se as defasagens. É também nesse momento que as gestões escolares passam a ter o papel de busca ativa deste indivíduo, elas deveriam se empenhar na tentativa de resgatar os adolescentes para a vida escolar, na tentativa da finalização de uma jornada estudantil. Todavia, o cidadão, que ainda está em formação, acaba sendo excluído das atividades de escolarização, assim, o indivíduo não se alfabetiza ou pouco compreende o sistema de escrita alfabética e passa a se isolar, não participando de práticas educativas, causando sua exclusão da escola e, por vezes, uma exclusão social.

Não bastasse isso, percebe-se que ainda há lacunas decorrentes da pandemia, quando estudantes que estavam em fase de alfabetização não realizaram as atividades, muitas vezes devido ao difícil ou nenhum acesso ao Google Classroom, de modo que não conseguiram acessar e participar das vídeo aulas. Recentemente o problema voltou a ocorrer no Rio Grande do sul, quando ocorreram as enchentes de maio de 2024. Os estudantes das periferias foram prejudicados, perdendo aulas, moradias, vestuários e o pouco de dignidade que ainda tinham.

Compreendendo que há a necessidade de uma didática diferenciada, não basta “encher o estudante de tarefas”, precisamos de um olhar atento, Essa formação rudimentar pouco desenvolve o sujeito, por ser um ensino simples e que não o instiga a questionar, buscar e se apropriar do conteúdo proposto na aprendizagem, passa a ser um “copia e cola”, folhas soltas e sem sentido, sem trabalhar o texto e o contexto.

O cronograma anual escolar é organizado incluindo as datas comemorativas, feriados e formações pedagógicas para os professores distante da realidade de muitos estudantes. Falta uma metodologia ou um conteúdo que de fato faça sentido, não seja vago, sem sentido ao discente, as informações e os materiais precisam ser objetivos, com o intuito de empregá-los no ambiente educacional.

Para o estudante se interessar pelo processo educacional, é necessário incluir suas preferências pessoais e discutir sobre os gêneros textuais que o acompanham em seu dia a dia, suas necessidades e dificuldades, como trabalhar, por exemplo, em língua portuguesa de diferentes formas, usando músicas, filmes, diferentes gêneros textuais, explorar com os estudantes debates, criar currículos, trabalhar a gramática de forma que faça sentido e consiga contribuir para a formação leitora dos estudantes. Devem ser incluídas também nas aulas informações que recebemos através dos jornais ou revistas, além de incentivar a pesquisa. Dessa forma, trazer também a interdisciplinaridade para as salas de aula, para que o discente se motive a aprender.

Fato é que há inúmeras causas para adolescentes chegarem aos anos finais do Ensino Fundamental e até ao Ensino Médio sem estarem alfabetizados. Entre elas, temos a baixa autoestima, porque não se sentem capazes ou pertencentes ao meio em que estão inseridos; a criminalidade, já que alguns vivem em ambientes onde crimes acontecem

ou convivem com criminosos ou se envolvem em crimes de forma culposa ou dolosa; o isolamento social, decorrente de dificuldades com a socialização, por causa da baixa autoestima ou por não conseguirem se relacionar com outros indivíduos, devido à falta de acesso à informação, porque não conseguem se comunicar como gostariam; problemas de saúde, em função da falta de acesso à informação ou porque não compreendem ou não conhecem seus direitos à saúde; desigualdade econômica, dificuldades financeiras devido à baixa escolaridade; entre muitas outras coisas. Nesse contexto complexo, é preciso abordar ainda a tecnologia, considerando que muitos estudantes preferem redes sociais ou games a participar de uma aula.

Sendo assim, parece que a sala de aula tradicional já não faz mais sentido. Os estudantes necessitam de abordagens diferentes. O aprendiz quer se reconhecer nesse mundo e precisa se identificar na metodologia durante a leitura e a escrita para que a habilidade que o professor esteja querendo desenvolver tenha significado.

4 | POSSIBILIDADES DE ALFABETIZAÇÃO TARDIA

Por alfabetização tardia, entende-se a alfabetização de estudantes que não tiveram a oportunidade de aprender a ler e escrever no momento esperado, até o terceiro ano. Essa situação pode resultar de inúmeros fatores, como já foi discutido na seção anterior. A questão é que o professor de anos finais do Ensino Fundamental ou do Ensino Médio, que percebe que um de seus estudantes não está plenamente alfabetizado, não pode se omitir.

O analfabetismo é muito prejudicial para um ser humano em uma sociedade letrada como esta na qual estamos inseridos. O analfabetismo limita o desenvolvimento econômico e social das pessoas, gerando desigualdades. Ela limita a participação do analfabeto na sociedade e dificulta o acesso a seus direitos. O Impacto, contudo, não é apenas individual, pois indivíduos com baixa escolaridade também prejudicam a sociedade. Em função disso, o professor precisa, de alguma forma, acolher o estudante e fazer os encaminhamentos necessários para ele possa se alfabetizar e, dessa forma, participar dos outros processos de ensino e aprendizagem que ocorrem na escola.

O educador, nesse momento, passa a ser necessário, ele necessita auxiliar os estudantes a encontrarem sentido em suas vidas, algo que os faça querer viver o futuro. Conforme Gadotti (2011, p. 26), “Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas”. Mas, para que isso funcione, o professor precisa organizar seu método de ensino pelo reconhecimento da sociedade em que os adolescentes estão inseridos, para que possa promover um aprendizado que envolva oportunidades de utilização da linguagem em espaços informais ou formais dentro da sociedade.

Por vezes, entretanto, o professor não oferece novas intervenções, esquece de pensar em métodos personalizados e motivadores, que possam incluir os adolescente,

com isso, os que possuem mais dificuldades são deixados de lado e suas necessidades evidentes no que diz respeito à aquisição da linguagem não são atendidas. Mas como o professor pode saber quais são as preferências dos educandos? Como ele consegue investigar as potencialidades que os estudantes possuem, para adicionar as habilidades e organizar os planos de aula para conseguir incluir todos os estudantes e concretizar a alfabetização? Isso, embora pareça difícil, é necessário, pois somos seres diversos, com diferentes características, não há como padronizar uma forma de aprendizado. Há estudantes que aprendem ao ouvir, conseguem compreender e desenvolver através da escuta. Outros precisam do registro através da escrita, há os que aprendem pelo visual, entre outros.

Sendo assim, acredita-se que os educadores, precisam levantar hipóteses, através de variadas metodologias de ensino, propor que o aluno seja protagonista de seu aprendizado, o auxiliá-lo em suas dificuldades, mas, também enaltecer seus talentos, de modo a modificar sua forma de se ver no mundo e de olhar o ensino. Para isso, as salas de aulas devem ser modificadas, alterando a forma como os estudantes se distribuem, permitindo que, além de aprender com seus pares, eles aprendam em grupos. O ambiente escolar deve permitir que os estudantes utilizem diferentes abordagens para concretizar seu aprendizado. Para tanto, os professores devem estar sempre em busca de novas metodologias, de forma que consigam contribuir com o aprendizado de seus estudantes.

Uma possibilidade de engajar os adolescentes ainda não alfabetizados em seu próprio processo de aprendizagem pode ser uma adaptação do método de Paulo Freire. Para isso, em um primeiro momento, o professor precisa descobrir quais são os interesses do adolescente, do que ele gosta, quais seus desejos. Além disso, o docente precisa fazer um diagnóstico para verificar quais conhecimentos o estudante já desenvolveu, porque, diferentemente de uma criança, um adolescente já teve, possivelmente, bastante contato com o mundo letrado, logo, não se pode ignorar esses conhecimentos, mas aproveitá-los para acelerar o processo de alfabetização.

Levando em conta os conhecimentos que o estudante já tem e seus interesses, o professor pode então selecionar textos de diferentes gêneros para iniciar o estudo. Esses textos devem ser não muito complexos, com estruturas simples e com um vocabulário adequado para o estudante, que ele possa compreender e que faça sentido para ele. Os textos devem ser, preferencialmente, autênticos, isto é, não devem ser textos elaborados de forma espacial para a alfabetização. A seleção dos textos pode se dar dentro da ideia de Paulo Freire de palavras geradoras, mas, neste caso, textos com palavras geradoras.

O texto escolhido deve então ser lido com o estudante e seu conteúdo discutido com ele. Como Freire ensinou, os estudantes constroem conhecimento de forma colaborativa, conversando e debatendo. E o professor deve, nesse momento, respeitar os conhecimentos trazidos pelo aluno e também suas ideias. É importante também que os textos possam levar o estudante a pensar sobre sua realidade e a ter vontade de modificá-la.

Para dar continuidade ao processo, o professor pode usar o método analítico do conto. Do texto, podem, então, ser destacadas sentenças simples e palavras para o estudo. Os excertos selecionados podem ser usados para debater temas importantes que possam despertar o interesse do adolescente. A partir do debate, podem ser criadas situações-problema, para as quais o estudante deverá buscar soluções.

Na sequência, algumas palavras podem ser escolhidas e seu significado estudado de forma mais específica. A partir disso, novas palavras podem ser exploradas, utilizando-se novas combinações de sílabas ou de letras.

Acredita-se que, dessa forma, o ensino fará mais sentido para o estudante e poderá contribuir não só para sua alfabetização mas para um maior engajamento em outras disciplinas.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como tema a alfabetização tardia. Para debatê-lo, foram levantados alguns questionamentos sobre como alfabetizar o estudante que chegou ao sexto ano e não sabe ler e escrever; sobre se é possível utilizar os mesmos métodos de alfabetização usados nos anos iniciais com estudantes adolescentes; sobre se todas as crianças aprendem da mesma forma, e sobre a melhor forma de alfabetizar. E, para responder essas questões, estabeleceu-se como objetivo geral investigar possibilidades de alfabetização tardia e, como objetivos específicos, (i) analisar diferentes metodologias de alfabetização e (ii) identificar desafios da alfabetização de adolescentes.

Com o desenvolvimento da pesquisa, que foi de cunho bibliográfico, chegou-se a algumas respostas, tais como: os desafios da alfabetização de adolescentes que não concluíram o ciclo de alfabetização por algum motivo são grandes. Especialmente porque as causas de não terem completado esse ciclo são muitas, como dificuldades para participar das aulas durante o período da pandemia e das enchentes que afetaram o RS em maio de 2024, a baixa autoestima, a necessidade de trabalhar, a criminalidade, coisas mais interessantes para fazer do que estudar, como acessar redes sociais, por exemplo.

Todavia, compreendeu-se, também, com o estudo, que o professor não pode ignorar os estudantes não alfabetizados que estão nos anos finais do Ensino Fundamental ou no Ensino Médio. Ele precisa auxiliá-los, para que possam ter uma outra possibilidade de vida.

No que diz respeito aos métodos de alfabetização, o estudo mostrou que adolescentes não podem ser alfabetizados usando os mesmos métodos que são usados com crianças, porque eles já possuem conhecimentos de leitura e escrita que não podem ser ignorados. Além disso, também não se pode apagar sua experiência de vida.

Através da pesquisa bibliográfica, compreendeu-se como funciona o sistema de escrita alfabética, e os caminhos nos quais os níveis de conhecimento os estudantes precisam passar para se alfabetizar. Ao conhecer os métodos de alfabetização, percebeu-

se a necessidade de trazer o texto como eixo central da alfabetização, para, a partir disso, ensinar as sílabas e as letras, assim, o estudante compreende quais são os fonemas e consegue transcrever através dos grafemas por pequenas frases e textos o que está aprendendo. Os textos escolhidos devem partir dos gostos e desejos de estudantes dos anos finais do ensino fundamental que não estão alfabetizados para facilitar o processo de apropriação da leitura e da escrita. Nesse processo, o professor torna-se mediador, compreendendo que deve ensinar o sistema de escrita, mas, sempre respeitar a linguagem da comunidade em que este estudante está inserido para que o conteúdo proposto faça parte da sua realidade.

Nesse sentido, acredita-se que uma adaptação do método de Paulo Freire seja uma possibilidade para alfabetizar adolescentes, usando o método analítico do conto e palavras geradoras. Mas esta é apenas uma possibilidade a que se chegou por meio de uma investigação bibliográfica e que não foi testada, o que se constitui uma limitação do estudo. Como um trabalho futuro, pode-se indicar, então, uma aplicação do método proposto para a alfabetização de adolescentes.

O que não se pode deixar de frisar, contudo, é que, como diz Gadotti (2011), o professor pode auxiliar as pessoas a construírem uma realidade mais humana. Não podemos perder isso de vista. Nós, professores, precisamos nos preparar para esta e próximas gerações, trabalhando não apenas conteúdos escolares, mas também aspectos socioemocionais com os estudantes, a fim de diminuir o sofrimento social que eles enfrentam, podendo auxiliá-los para uma vida adulta mais saudável.

REFERÊNCIAS

ALFANO, Bruno. **IBGE: 9,3 milhões de brasileiros ainda são analfabetos, a grande maioria com mais de 40 anos.** O globo, Rio de Janeiro, p. 1, 22 mar. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/noticia/2024/03/22/ibge-93-milhoes-de-brasileiros-ainda-sao-analfabetos-a-grande-maioria-com-mais-de-40-anos.ghtml>. Acesso em: 31 out. 2024.

BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora.** Porto Alegre: Paola Araújo de Oliveira, 2018. 430 p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7722229/mod_resource/content/1/Metodologias-Ativas-para-uma-Educacao-Inovadora-Bacich-e-Moran.pdf. Acesso em: 1 nov. 2024.

BRAGGIO, Sílvia Lúcia Bogonjal. **Leitura e alfabetização: da concepção mecanicista à sociopsicolinguística.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

BRASIL. Artigo nº 8069, de 13 de julho de 1990. **Do Direito à Vida e à Saúde. Estatuto da criança e do adolescente**, [S. l.], 13 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 22 out. 2024.

BRASLAVSKY, B. **O método: panaceia, negação ou pedagogia?** Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 66, p. 41-48, ago. 1988.

CHARTIER, Anne-Marie; HÉBRARD, Jean. **Método silábico e método global**: alguns esclarecimentos históricos. História da Educação. Pelotas: Editora da UFPel, v. 5, n. 10, p.141-154, out. 2001.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. Ed.2. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FONTES, Francicleide Cesário de Oliveira; BENEVIDES, Araceli Sobreira. **Alfabetização de crianças**: dos métodos à alfabetização em uma perspectiva de letramento. Disponível em <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/3639>. acesso em 17 de novembro de 2024.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização**: perspectivas históricas e desafios atuais. Educação. Santa Maria, v. 32, n. 01, p. 21-40, 2007. pp. 21-40. Disponível em: <http://www.ufsm.br/ce/revista>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: PAZ E TERRA S/A, 2002.

_____. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. A educação na cidade. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GADOTTI, Moacir. **PAULO FREIRE: Uma biobibliografia**. Acervo Paulo Freire, 1996. Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org>. Acesso em: 15 de out. 2024.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho**: Ensinar e aprender com sentido. São Paulo: 2011. Disponível em: https://www.paulofreire.org/download/boniteza_ebook.pdf. Acesso em: 31 out. 2024.

GAMA, Guilherme; TEIXEIRA, Bruno. **Cerca de 6 a cada 10 estudantes adolescentes estão em algum grau de pobreza, aponta levantamento**. CNN, São Paulo, p. 1, 26 jul. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/noticias/cerca-de-6-a-cada-10-estudantes-adolescentes-estao-em-algum-grau-de-pobreza-aponta-levantamento/#:~:text=Educa%C3%A7%C3%A3o-,Cerca%20de%206%20a%20cada%2010%20estudantes%20adolescentes%20est%C3%A3o,grau%20de%20pobreza%2C%20aponta%20levantamento&text=Cerca%20de%2060%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o,-levantados%20a%20pedido%20da%20CNN>. Acesso em: 29 out. 2024.

MURR, Caroline Elisa; FERRARI, Gabriel. **ENTENDENDO E APLICANDO A GAMIFICAÇÃO: o que é, para que serve, potencialidades e desafios**. UFSC, [S. l.], p. 1-36, 1 mar. 2019. Disponível em: <https://sead.paginas.ufsc.br/files/2020/04/eBOOK-Gamificacao.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2024.

RAMOS, Ana Carolina; JUNIOR, Oswaldo Gonçalves. Abandono e evasão escolar sob a ótica dos sujeitos envolvidos. **Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora**. São Paulo, 2024. DOI <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2005000200011>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/KtBRcFWvWKBt63LSQCvZdwh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 nov. 2024.

REALI, Aline Maria de Medeiros Rodrigues; TANCREDI, Regina Maria Simões Puccinelli. **A importância do que se aprende na escola**: a parceria escola-famílias em perspectiva. Scielo, [s. l.], 8 ago. 2005. DOI <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2005000200011>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/wS67TztWcSYpmjCtKsrppLr/?lang=pt>. Acesso em: 14 nov. 2024.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: em busca de um método?. Educação em Revista. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, n. 12. p. 44-50, dez. 1990.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. Ed. 6. São Paulo: Contexto, 2012.

VIEIRA, Thiago. A opção construtivista como concepção pedagógica de alfabetização. Publicado em "Pedagogia Modular". Disponível em <https://pedagogiamodular.wordpress.com>. Acesso em 16/11/2024.